

Vastha
Crônicas da Sétima Era
Livro I
A Jornada do Herdeiro

Pedro Benites

Índice

- Prólogo O Reino Partido
- Capítulo 1 O Festival de Verão
- Capítulo 2 Sem Escapatória
- Capítulo 3 O Assobio da Morte
- Capítulo 4 Além do Vale
- Capítulo 5 Entre Malfeitores
- Capítulo 6 O Fim Inglório
- Capítulo 7 A Arqueira de Prata
- Capítulo 8 Cães da Névoa
- Capítulo 9 Deuses e Assassinos
- Capítulo 10 A Torre Assombrada
- Capítulo 11 Aquele que Entende o Idioma dos Dragões
- Capítulo 12 Não Há Honra Entre Ladrões
- Capítulo 13 Os Horrores da Noite Anterior
- Capítulo 14 Orco, Anão e Elfa... mais ou Menos
- Capítulo 15 Este Corpo
- Capítulo 16 Conhecendo o Inimigo
- Capítulo 17 A Casa na Floresta
- Capítulo 18 Anjo
- Capítulo 19 Conflito na Floresta do Outono
- Capítulo 20 Guerra de Posições
- Capítulo 21 O Poderoso Mago Adriano
- Capítulo 22 Traição
- Capítulo 23 Perseguição
- Capítulo 24 Duelo na Ponte dos Anjos
- Capítulo 25 Está Tudo Bem Agora

Prólogo

O Reino Partido

O céu noturno estava limpo. Balzag podia ter muito o que fazer e no que pensar, mas sempre apreciou admirar o esplêndido céu de Emmerid oriental. Em sua terra natal, Hannoria, era incomum ter uma vista tão perfeita das várias constelações: Arqueiro, Grifo, Titânia, Talos, Serpente, Unicórnio, *Crucitis*, se bem que essa tinha outro nome por aquela região. Guardião, se estava bem lembrado. Entre muitas outras.

Mais do que as estrelas, as luas também eram lindas. Todas as três, com suas particularidades. A que parecia menor e também a mais discreta por ser escura, chamava-se Eata. A intermediária, considerada a mais bonita, principalmente pelos elfos por ser prateada e brilhante, Erae. E a gigantesca lua vermelha, Benaces, que quando estava em sua órbita mais próxima com Vastha, cobria parte considerável do céu, além de, com certa frequência, precipitar no mundo alguns de seus fragmentos celestes, que podiam ser vistos como várias estrelas cadentes incandescentes. Um belo espetáculo celestial, de fato.

No entanto, naquela noite, tinha um compromisso. Murion estava para chegar. Era um criminoso vulgar, mas ele poderia fazer o que Balzag precisava que fosse feito. Não deveria se envolver pessoalmente. Ainda não.

...

Murion girava a moeda entre os dedos nervosamente. Tentava parecer tranquilo e indiferente, mas aquilo estava em um nível que ele jamais havia sonhado.

Estava acostumado a trabalhar para nobres menores, aspirantes a senhores do crime, ou praticava seus esquemas, sempre com cuidado. Não pisava em mais calos do que o necessário, e quando as coisas começavam a esquentar, sumia com tudo o que tinha. Sua insígnia, o crânio mordendo uma faca estava entalhado na moeda de ouro que gostava de brincar entre os dedos.

Mas agora havia sido convocado para conversar com Balzag em pessoa. Um dos magos mais ricos e temidos do leste de Tarsynia. Já estava surpreso por ele saber de sua existência. Estava ansioso para saber o que poderia ser pedido dele.

Claro, não era nenhum idiota. Seus homens estavam à postos para invadir e até incendiar o lugar caso fosse uma armadilha. Fora desarmado e revistado ao entrar no casarão, mas ainda tinha uma adaga e várias outras surpresas mortais escondidas.

Poucas pessoas podiam imaginar que um jovem ruivo, magro, bem apessoado, vestindo sua casaca longa azul elegante podia ser um patife tão perigoso.

O lugar era mesmo luxuoso. Não só o bom acabamento, mas também os móveis cheios de detalhes, as estatuetas bizarras, tapetes e bandejas de bebidas tentadoras. A iluminação também chamava atenção. Havia lustres, mas eram decorativos. A luz vinha de cristais nos ângulos superiores das paredes. Já havia ouvido falar nesses

objetos. Provinham luz sem calor e podiam ser acesos ou apagados através de palavras de comando. Magia. Não resistiu e se serviu de uma garrafa que parecia cara.

– Não faça cerimônia. Pode se servir do que quiser. – Disse uma voz masculina grave e melodiosa de alguém que acabara de descer as escadas dos andares superiores.

Murion se virou e viu um jovem homem na casa dos vinte, de estatura média e cabelos longos cor de mel. Os olhos eram verde-claro. O rosto era triangular, simétrico, sem vestígio de pelos ou manchas. Também era musculoso sem ser muito massivo. Vestia uma camisa longa azul escura com decote em v e calças folgadas pretas com chinelos confortáveis.

– Pode apostar que vou, amigo. – Disse Murion erguendo a taça de cristal. – Se não soubesse mais nada do mago, pelo menos bom gosto pra bebida, isso ele tem. Um gole desse vinho? Não é pra plebe.

Ambos riram. Enquanto o jovem se sentou confortavelmente em uma poltrona, Murion bebeu com gosto e cobiça.

– E o que mais sabe sobre seu anfitrião? – Perguntou o homem.

– Só o que a maioria comenta. Que ele veio de Herathor a muito tempo. Que ficou rico com a guerra e que é um dos maiores artífices do reino. E que tem quase cem anos de idade.

– Artífice? – Perguntou o outro.

– É... é como chamam os magos que fazem armas mágicas. – Explicou Murion.

O outro riu-se.

– Oh, não, não. Eu sei do que se trata. E está correto em sua afirmação. Mas é um termo tão vago... Bem, não o culpo.

Murion, agora sentado em outra poltrona, olhou bem para o rapaz arrogante. Não era um empregado da mansão. Parecia à vontade como se fosse dono do lugar. Mais do que do lugar. Parecia se sentir em uma posição superior. Devia ser o neto, talvez bisneto de Balzag.

Ou um prostituto. Preferiu arriscar-se com a idéia de parentesco.

– Sou Murion, a propósito. – Disse erguendo a taça novamente.

– Estou ciente de sua identidade. Eu sou Balzag, o mago. – Disse o belo jovem com orgulho transbordante.

O mercenário sorriu incrédulo.

– Balzag... o terceiro, talvez? Neto do antigo, na verdade ancião, Balzag?

O outro suspirou e revirou os olhos. Na certa já teve aquele tipo de conversa outras vezes.

– Não há um terceiro, ou um segundo. Eu sou o único Balzag, arquimago transmutador. Mestre artífice e lorde de Porto Oggyeth.

E para dar certeza de que falava sério, fez um pequeno gesto com a mão direita e sussurrou uma palavra de poder. A bebida na taça de Murion, que estava no fim, encheu o recipiente até quase transbordar. A coloração também havia mudado um pouco.

– Beba. – Disse o mago imperativamente.

O jovem bandido hesitou, pensou em declinar, mas juntou um pouco de coragem e bebericou. Ergueu as sobrancelhas e bebeu mais. Soltou um suspiro de prazer ao terminar a taça inteira. Balzag sorriu. – De fato, não é para a plebe.

– Mestre transmutador... – Disse o rapaz.

– Arquimago. – Corrigiu o outro.

– Qual a diferença? – Perguntou Murion, sem ironia, realmente querendo saber.

Balzag revirou os olhos novamente. Reuniu a mesquinhez de paciência que possuía para responder.

– Um mágico faz prestidigitação. Um adepto faz truques. Um mago pratica magia. Um mestre é alguém que alcançou excelência em alguma área e isso nem precisa ser magia. Mas um arquimago... – Fez uma pausa como se fosse difícil expressar. – É alguém que se uniu à essa Escola de magia específica e fez dela mais do que uma especialização. Fez dela... – Agitou as mãos como se não encontrasse a palavra.

– Desculpe. – Disse o ruivo com seriedade. – Mesmo que explicasse eu não ia entender.

Não era assim que se sentia, mas havia notado que o título de arquimago era motivo de grande orgulho para seu anfitrião e parecia que ser a pessoa mais inteligente da sala também.

De fato, o arquimago aceitou com a cabeça e recostou-se em sua poltrona.

– Vamos falar de negócios.

...

Murion saiu do casarão ainda colocando seu sabre na bainha. Virou duas ruas na fervilhante cidade portuária ignorando pedintes e meretrizes no caminho. Quando chegou a encontrar Irra, seu imediato no beco, já estava sendo seguido por cinco de seus dezoito homens.

Quase todos entre dezesseis e vinte e dois anos de idade. Todos trapaceiros sem remorso. Com coragem para matar, porém tão covardes que venderiam uns aos outros para se safar. Todos sabiam disso, por isso andavam juntos. Porque ninguém mais andaria.

E por isso seguiam Murion, porque era inteligente e os fazia trabalhar bem juntos.

Todos se acotovelavam querendo saber qual trabalho o mago tinha para eles, e o mais importante: quanto estava disposto a pagar. O chefe sabia bem o que eles estavam pensando. Fez suspense para falar.

– Dez mil moedas de ouro. – Ele disse baixo.

– Ouro?! – Gritou um dos bandidos.

O ruivo olhou feio para o que gritou, que levou vários tapas e pontapés, além de ser xingado. Depois de conferir que ninguém estava bisbilhotando, continuou.

– O serviço é simples. Pegar uma menina num vale lá no sul e trazer pra cá.

– Menina? – Perguntou um já com um sorriso malicioso.

– É bonita? – Continuou outro.

– Sangue de fada. Deve ser linda. - Disse Murion dando ênfase na última palavra. E como os homens pareciam estar se alvoroçando, continuou. – Mas tem dois problemas. Vamos precisar chamar o Malco.

Houve muita reclamação imediatamente. Irra, o bandido mais forte, teve que nocautear um dos mercenários com um soco no nariz para se fazer silêncio.

– Mur, Malco é mesmo necessário? – Sussurrou Irra. – O preço dele vai diminuir muito nossa recompensa.

– Vai ser sim. Só porque vai ser simples não quer dizer que vai ser fácil. Sem Malco... – Murion Azeg pareceu preocupado pela primeira vez. – Todos nós iríamos morrer.

...

Taril estava impressionado e horrorizado ao mesmo tempo. Primeiro foram os homens vestidos parcialmente com peles ou trapos, segurando aquelas armas de pedra ou de madeira escurecida. Eles surgiram gritando e golpeando os guardas da escolta com tanto abandono que vários dos atacantes foram mortos rapidamente. Mas eram muitos.

Quase trinta contra quatro guardas. Com esse lastro de sete contra um, foi um massacre previsível. E não só dos guardas, dos cavalos e mulas também. As duas famílias que estavam viajando a onze dias desde o litoral no leste apinhado de criminosos, encontravam uma realidade mais cruel do que imaginavam no oeste. De um lado, aqueles maníacos primitivos, do outro, uma floresta sombria. Mas não tiveram tempo para escolher. Estavam sendo cercados.

Quando chegaram mais perto, viram o estado de seus atacantes. Pele suja, cabelos e barbas emaranhados, revoltos. Dentes podres. Olhar de louco.

Começaram a matar os homens e levar as mulheres. Roril, pai de Taril, quebrou o nariz de um dos loucos que tentava subir na carroça em que estava sua família usando um porrete. Bateu de novo e de novo até o homem se afastar, mas quando este o fez, outros dois tomaram seu lugar, muito mais furiosos que o primeiro. Agitou sua arma tentando afastar os dois, mas foi agarrado por trás por ainda outro alucinado e foi jogado no chão.

Taril, de apenas oito anos de idade, não sabia o que fazer. Apenas apanhou a mão de sua irmãzinha de seis anos e virou as costas correndo enquanto o pai era espancado e ouvia a mãe gritar.

Então viu o homem horrível, que não era humano. Vestia uma calça com reforços de couro e rebites de metal e calçava botas rústicas. O rosto era uma mistura de homem e fera, bruto, mas sem barba. O cabelo de um tom castanho escuro era preso em

dezenas de tranças. Sua pele era acinzentada e estufada de músculos, porém era ágil e esguio.

Corria em sua direção com um machado e uma espada machete. Urrou ao se aproximar. Taril abraçou a irmã e fechou os olhos com força.

A dor não veio, apenas o som do choque de metal colidindo sobre sua cabeça.

Abriu os olhos e viu o monstro cinza com as armas cruzadas sobre sua cabeça, bloqueando o golpe de clava que um dos homens loucos havia descido contra sua cabeça e de sua irmã.

– Corram. – Disse o monstro que o protegeu.

Taril saiu de lado, novamente puxando sua irmãzinha. Não correu nem três metros, viu o homem cinzento desarmar o adversário com o machado e decapitá-lo com a espada. Bloqueou o golpe de machadinha de outro que chegou e lhe arrancou o braço armado com o machado. Enquanto o homem gritava alucinado, cravou a espada em seu peito nu e o chutou.

A irmãzinha do menino apontou em outra direção. Havia outros lutando contra os primitivos.

Aquele que ela havia visto atacou um dos malfeitores por trás enquanto este tentava arrastar uma mulher em prantos pelo pai morto. Atravessou-o com uma espada longa e quando o primitivo caiu, puderam ver que quem havia chegado era um homem alto, louro e de túnica vermelha e dourada. Suas orelhas eram longas e pontudas. Dois homens correram em sua direção em carga. Ele apenas moveu sua mão livre gesticulando e disse uma palavra secreta. Uma língua de fogo surgiu diante dele em um leque, matando os dois aos berros. Depois olhou para aqueles que espancavam o pai de Taril e fez coisa parecida, mas os gestos eram diferentes e o efeito também. Do nada os três pareceram confusos e caíram no chão sem cerimônia.

Havia ainda outro que trajava uma pesada armadura negra. O guerreiro blindado tinha estatura baixa e era muito atarracado. Ele se permitiu ser cercado e foi alvo de vários ataques inúteis, tanto porque ele aparava os golpes com um escudo redondo quanto porque sua armadura de placas era invulnerável àquelas armas primitivas, que ao contrário, se quebravam ao se chocar com muita força contra o metal.

Mas não só se defendia. Seu escudo possuía cravos agudos que, em movimentos súbitos, usava para perfurar peito, barriga e olhos. Também tinha em sua mão uma espada curta e larga de dois gumes, perfeita para perfurar e cortar a curta distância. Cercado de alvos fáceis, ele matava todos.

Um dos salteadores tentou fugir, vendo a carnificina. Largou a pequena machadinha tosca e disparou em direção da floresta. De lá vinha uma mulher em um vestido branco sem mangas e sem armas. Ao vê-la, a maldade superou o medo e ergueu as mãos para agarrá-la enquanto fugia. Ela não pareceu tomar conhecimento do atacante à sua frente.

De fato, nem precisava. De trás dela veio correndo um veloz lobo com dentes arreganhados. O animal mordeu o primitivo na perna e quando este caiu gritando de dor, foi a vez do canino furioso estraçalhar o seu pescoço.

A dama de branco continuou seu caminho. Tinha a pele rosada, levemente queimada de sol. O cabelo longo era prateado quase branco, ondulado e embaraçado. Seu corpo era voluptuoso, acentuado pelo vestido branco. Estava descalça, mas seus pés pisavam levemente sem qualquer desconforto. Trazia um sorriso leve e acolhedor nos lábios grossos e escuros. Ela não atacou os inimigos, no lugar disso, foi até o ferido mais moribundo da pequena caravana e o tocou de leve. Ele a olhava desenganado e semiconsciente.

– Savanna'thael... *gnileah*. – Disse com voz baixa e doce.

Houve um pequeno e gentil brilho na palma da mão da dama, e os ferimentos do homem começaram a se curar imediatamente. Ele gemeu pelo alívio súbito. Estava sujo de sangue (Seu próprio sangue) e abalado, mas estava vivo. Ela fez isso com cada ferido em ordem de gravidade. Quando não havia mais feridos recuperáveis entre os membros da caravana, olhou para os primitivos agonizando.

– Nyssa... nem pense nisso. – Disse o homem louro, que estava executando os que havia posto pra dormir com magia.

Ela olhou para baixo e juntou as mãos em resignação. Não gostava do que era feito, mas era uma atrocidade necessária. Logo não havia nenhum dos salteadores vivo e tudo se aquietou.

As pessoas começaram a se juntar, a contar as perdas e os mortos. Dois homens mortos entre as famílias, além dos quatro guardas, todas as montarias e animais de carga. Nenhuma mulher havia sido levada, nem nenhuma criança sofreu mais que alguns hematomas, que a mulher de branco curou carinhosamente.

– Quem são vocês, se nos permitem perguntar? – Questionou Roril com a filha abraçada em sua cintura. – Estamos agradecidos, mas muito assustados.

Os quatro salvadores se reuniram. O que trajava a armadura de placas tirou o elmo. Era um anão de barba ruiva e pele cinza muito escura. Seus olhos eram de um branco sinistro e sua expressão era fechada.

Que grupo bizarro. Uma meio-elfa, um alto elfo, um sangueorco e um anão das sombras. E um lobo que pingava sangue do focinho.

– Somos guardiões dos ermos. Eu sou Nyssa, o mago é o Eriel, o anão é o Kazmur e esse é o Assyr.

Todos olhavam desconfiados para Kazmur e Assyr, mesmo com as apresentações. O sangueorco parecia não se importar, mas Kazmur devolvia os olhares de desprezo.

– Estão indo para Vigia? – Perguntou Eriel com sua voz rouca e profunda.

– Sim. Para vila Vigia. – Confirmou um homem com otimismo na voz. – Lá estaremos à salvo desse povo?

– Não. – Foi a seca resposta do elfo. – Lá deve ser o lugar mais atacado por eles em toda Tarsynia central.

Houve um lamento quase coletivo por parte das famílias.

– Não desanimem! – Gritou Nyssa. – Os cavaleiros estão vigiando a vila noite e dia. Há quatro fortalezas que a protegem atualmente. Vão ficar bem ao chegarem lá.

– O que são esses homens que nos atacaram tão ferozmente?

– Gog. – Respondeu o anão. – Bárbaros Gog, como os cavaleiros os chamam. Eles vêm do oeste e sudeste, de além da Tarsynia. São todos loucos ou só tão primitivos que nem querem saber falar. Estão em guerra a muito tempo contra os orcos, os goblins e os hobgoblins. Se acostumem. Vão vê-los com frequência.

A voz de Kazmur era grave e alta, mas seu tom de deboche no final causou mal estar. Um dos homens que foi curado por Nyssa não se segurou mais.

– Por que deixam peles de cinza andar armado por essas terras?

Eriel suspirou. Já havia visto Kazmur quebrar as pernas de alguém por menos.

– Porque tem muitos que não são homens o bastante pra defender suas famílias. Então um homem de verdade tem que fazê-lo. – Foi a resposta do sangueorco, que até então estava quieto.

Assyr não pensava assim. Só respondeu de forma ríspida para tirar a atenção de cima do anão cinzento. Kazmur sorriu, gostando da resposta. Os olhares de todos os adultos, exceto Nyssa, foi ficando mais hostil.

– Obrigado! – Gritou uma voz aguda e infantil.

Era um menino pálido, magro e de cabelos castanhos desalinhados chamado Taril. Se voltava para Assyr.

– O senhor salvou minha irmãzinha. Vocês salvaram todos nós. Por isso... – Olhou ao redor, vendo que tinha a atenção de todos. – Não vamos brigar.

Houve uma pausa. Nyssa olhou para o menino cheia de orgulho.

– Parece que a sabedoria não tem idade. – Disse Eriel com austeridade.

O mago começou a organizar as pessoas e a instruí-las a escolher o que levar na viagem que se seguiria, enquanto alguns homens juntavam os mortos (Não queriam deixar o anão cinzento e o sangueorco tocarem neles).

– Peguem as armas dos guardas. Vão precisar. – Disse Assyr.

Os Gog foram empilhados por Assyr e Kazmur juntos.

– Deixem pros corvos! – Disse uma mulher antes de cuspir no chão com ódio.

– Muito humano de sua parte. – Ironizou o guerreiro anão, dando uma risada nasal fina e raspante.

Eriel gesticulou. Parecia ser um encantamento poderoso, visto a quantidade de gestos e palavras envolvidas. Conseguir dizer aquela frase sem tropeçar já era magia por si só. Ao concluir o feitiço, uma enorme fenda se abriu no solo a alguns metros da estrada, separando a grama. Tinha oito metros de comprimento, dois metros de largura e um metro e meio de profundidade.

– Ponham seu mortos aqui. Escolham pedras para as lápides se quiserem. Mas façam logo! O buraco terá de ser fechado em pouco tempo, ou permanecerá aberto, e terão de fechá-lo vocês mesmos.

Eles obedeceram e Eriel logo fechou a fenda, fazendo os mortos desaparecerem para sempre. Seis pedras ficaram perfiladas. De outra forma dificilmente se notaria que eram túmulos.

Quanto aos Gog, Nyssa fez uma longa oração em um idioma que nem mesmo Eriel conhecia. Centenas de gavinhas, folhas, cipós, galhos e mesmo flores cobriram os corpos, ou pedaços deles que estavam ali empilhados. Também passavam por entre eles, embora um observador externo dificilmente notaria.

– Essa é a melhor parte. – Disse Kazmur cruzando os braços.

– Veio da terra, volte para a terra! *Enwihsele!*

Para o assombro da maioria, o amontoado de bárbaros mortos começou a se mover, como se uma força geológica estivesse em ação sob eles, agitando a massa convulsivamente e um som grave, gorgolejante, também se fez ouvir. Do topo da pilha surgiu o que seria a copa de uma árvore frondosa, que começou a crescer e a criar mais folhas e cipós, até começar a produzir sombra com seus nove metros de altura. Em sua base, onde antes estava a horrível amálgama de mãos, pernas, carne sangrenta e ossos quebrados, agora estava um imenso arbusto verde escuro, cheio de flores vermelhas e espinhos.

– Como, em nome dos deuses, a senhorita fez isso? – Perguntou Roril.– Nunca vi uma sacerdotisa ter esse poder!

– Porque, diferente deles, eu sou uma druida. Não fiz nada de mais. Apenas acelerei o processo. A vida deles acabou. Uma nova começa.

Um homem chegou a cavalo cerca de uma hora depois. Tinha um arco curto nas costas, barba por fazer e cabelo castanho curto.

– Alen vai guiar vocês até vila Vigia. – Declarou Eriel. – Ele é humano, como vocês, se isso fizer diferença.

Taril olhou para Assyr e cochichou no ouvido de sua irmãzinha. A menina sorriu faltando dentes e acenou para o enorme bárbaro. Aquela imagem foi para ele a confirmação de que o que fizera valeu a pena. Mas ele não sorriu de volta.

Enquanto as pessoas seguiam viagem, inseguras e infelizes, os quatro aventureiros e o lobo se reuniram. O mago parecia inquieto.

– Para onde agora? Norte? O sol está a pino. – Perguntou Assyr.

– Anjo disse que os Gog estão muito ao sul para alcançá-los hoje, e que esse grupo é especialmente pequeno. Só quatro. – Disse Nyssa.

– Preciso dizer uma coisa. – Disse o elfo.

– Oh, que incomum! – Disse Kazmur.

– Sério, eu estou indo embora.

Os três e o lobo olharam para Eriel.

– Como assim? Pra onde você vai? – Questionou o bárbaro.

– Já faz tempo que não aprendo magias novas, ou que meu poder cresce em algum nível. – Disse com certa vergonha. – Vocês dois ficam melhores enquanto lutam,

porque é isso o que fazem e Nyssa recebe mais poder conforme faz missões para os druidas do círculo, mas eu...

– Precisa ir atrás de poder, não é? – Disse a druida.

– Estudar, pesquisar... fazer rituais... essas coisas.

– Olha, elfo... – Começou Kazmur. – Desde que te conheci, sabia que nunca ia te entender...

Eriel olhou para o anão já esperando as grosserias.

– Mas achei que você, que é mais inteligente, iria nos entender melhor.

Eriel arregalou os olhos. Foi um elogio?

– Se precisa ir, que vá, porra! – Gritou o anão abrindo os braços. – Mas depois volte.

Assyr sorriu. Um sorriso torto que mostrava vários caninos amarelados. O Lobo deu um latido, como se concordasse. Nyssa se aproximou.

– Quando vai?

– Agora, se puder. Tenho que estar em Torre Branca até dia...

Nyssa o interrompeu abraçando-o. Ela tinha cheiro de terra, suor e rosas.

– Cuide deles, bela amiga. *Anat saheh*. – Ela sorriu em resposta.

Depois virando-se para Kazmur.

– Você fede.

– Vai se fuder.

Depois de frente para Assyr falou baixo.

– Cuide dela, *loëent*.

– Nem precisa pedir, irmão.

Apenas fez um gesto para o lobo, que o olhava com olhos expressivos. No alto, viu um pássaro branco que voava em círculos.

– Vou sentir sua falta.

Enquanto o elfo se ia, se esforçando para não olhar pra trás, Assyr quebrou o silêncio.

– Da última vez foram quatro anos.

– Vamos imaginar que dessa vez serão dez. – Disse o anão. – Aí, se ele voltar em oito, vamos achar que ele voltou antes da hora.

– Melhor que a Mia, que nunca voltou, ou que o Taklinn, que...

– Não fale dele. – Interrompeu Kazmur.

Nyssa bateu as palmas das mãos.

– Bem, estamos sem mago. Só nós três pode ser problemático.

– A gente dá conta. – Disse Kazmur. – E se não der, bem, podemos procurar mais algum otário “ahem” corajoso, que queira andar no ermo caçando Gog.

Todos riram. O lobo latiu.

Não havia com o que se preocupar.

Ainda não.

“Mui prezado irmão e amigo, Balaster.

Fazem agora sete longos anos desde o dia em que te vi e não esqueci por nenhum dia sequer o que me disse ‘seja forte irmão. Seja no Leão que nasceste para ser.’

Pois bem, tenho o prazer de dizer-te que fui bem sucedido na empreitada. Volto para Forte Leoneil, nosso mui belo lar, como um sagrado Cavaleiro Guardião. E posso dizer com orgulho que não me tiveram indulgência por nosso renome. Não o permiti!

Disseste certa vez que a arma de um cavaleiro é uma característica por demais importante. Pois bens, tens vosso martelo e também eu agora a tenho: uma negra espada de longa lâmina, tratada para ser inquebrável. Assim, serei eu o Leão de Negra Presa.

Sabes, irmão, nunca deixei de me lembrar do sofrimento de nossos pais e iguais em nossa época mais sombria, quando o altivo reino de Tsinder sucumbiu ante o poderio do Senhor das Sombras, cujo nome não ousarei escrever. Nossos cavaleiros lutaram e morreram, conseguindo apenas manter o norte (Temporea) e o sul (Tarsynia), separados pela imensa vastidão do que já fora o centro do reino, kolidryn, hoje chamada de Terra das Sombras.

Por vezes tentamos reaver essas terras perdidas, mas nossas forças foram duramente rechaçadas. A pior delas foi no incidente da Falsa Princesa.

Não bastante isso, existem os piratas, o crime e o fantasma de uma nova invasão herathoriana no leste e dos Gog no oeste, nas Terras do Caos. Sem esquecer os goblins, hobgoblins e orcos que lá também estão.

Mal posso esperar, meu amigo irmão, para lutar ao seu lado finalmente. Os vilões que puniremos, as donzelas que haveremos de salvar e as canções que farão sobre nossas aventuras juntos! Diga isto a nosso pai, que já está cheio de dias: que os dias seguintes trarão os ventos da mudança!

E dê um abraço em Savanna, caso eu não encontre a pequena leoa.

Estou indo para o oeste ao sul da trilha dos peregrinos. Sei que parece arriscado, mas trago comigo alguma importância para um certo barão Inving. Além de quê, quem ousaria atacar um Cavaleiro Guardião? E se o fizessem, pior para eles!”

De seu irmão

Sir Leonce Rodenliche

Capítulo 1

O Festival de Verão

Brenda de Vale abriu a boca em incredulidade diante da cena: seu filho e seu marido cruzando espadas como se quisessem se matar. Sentado na cerca de madeira, com um sorriso largo no rostinho redondo e escuro, Alfonse assistia.

– Trabalhe melhor os pés. Se perder o equilíbrio estará morto! Não, não olhe para os pés! – Volk dizia enquanto pressionava a defesa do filho.

O garoto, Ilren, estava com os dentes à mostra tamanho esforço fazia para manter o ritmo do pai. Os braços doíam, o peito ardia, a cabeça girava. Era a melhor parte do seu dia.

– Estou só começando, general! – Provocou.

Alfonse deu uma risada incontida.

A poeira subia conforme os pés giravam na troca de guarda, nas fintas, nos ataques e contra ataques. Subitamente Ilren enxergou uma brecha na defesa de seu pai. Bastava dar um ataque em arco pelo flanco esquerdo e...

– Aah..! – Gritou ao ser jogado no chão.

Volk viu o ataque óbvio vindo e usou seu peso e força maior para tirar o equilíbrio do oponente menor. De pernas pro ar, Ilren ouviu a gargalhada do menino na cerca. Ainda estava tonto pela jogada de corpo que acabara de levar.

– Filho... – Disse Volk inseguro. – Está bem?

Ilren se levantou pesadamente, apoiado na espada. Sorriu.

– Porquê? Está cansado? Velho. – Provocou, erguendo a espada.

Volk quase sorriu e se pôs em guarda novamente.

– Mas nem pensar! – Gritou Brenda erguendo o dedo indicador. – Já chega de brincar com espadas por hoje. Alguém vai acabar perdendo um olho!

– São espadas sem ponta, e de madeira, mãe. – Disse Alfonse.

A mulher colocou as mãos na cintura e fechou a cara de vez. Volk e Ilren se entreolharam e se apressaram em guardar as espadas de treino.

Ilren passou a mãos pelo cabelo loiro corte joãozinho colado na testa pelo suor. Tinha a cor de cabelo de sua mãe Brenda e os olhos verdes de Volk. Era atlético em seus catorze, quase quinze anos de idade, mas nem de longe tinha os ombros largos do pai. Ou a barba. “Quando a barba ia crescer?” pensava. Maldrisk, filho do chefe da milícia já tinha pelo menos bigode em sua idade.

– Ilry. – Começou o homem enquanto entravam no barracão de ferramentas onde guardavam as espadas de treino. – Precisa tomar cuidado. Tem todo tipo de perigo no mundo. Os homens mais fortes...

– Dão golpes largos e fortes. Os mais espertos tentam tirar meu equilíbrio como o senhor fez. – Completou o menino.

Volk ergueu um pouco o canto do lábio, mas a curta barba disfarçou.

– Enquanto isso, os mais ágeis...

– Tentam me distrair e dão muitos golpes seguidos, mas o golpe mortal é o menos óbvio.

– Muito bem. E como evitamos isso?

– Nos antecipando. Tendo um truque na manga. Sendo mais rápido que os brutos e anulando a agilidade dos hábeis.

– Excelente. E como conseguimos fazer isso?

– Treinando, treinando...

Ilren riu cansado. Volk o observou.

– Eu sei que é difícil, filho, mas quando se tornar um capitão da guarda ou instrutor, vai receber um soldo melhor do que o de soldado raso.

– Não sei, pai. Eu seria um camponês com o senhor sem problemas, ou...

O jovem pareceu acanhado.

– Ou...?

– Ou sairia do Vale, pra me tornar um cavaleiro.

Volk olhou para o Monte Maor a oeste do Vale de Lifa.

– Cavaleiro, filho? – Nunca havia me dito isso.

Brenda passava com um balde d'água e Alfonse puxava o cavalo, Calvax, para o estábulo.

– É, eu sei que é impossível. Que se nasce nas famílias da cavalaria, ou se é indicado por um, ou se conquista um título em combate, mas imagine se eu conseguisse.

– Tenho pouca imaginação. – Disse Volk secamente. Mas se virou para o filho. – Lembra do que eu disse sobre o que é impossível?

– Que só é impossível pra quem não tenta até conseguir. – Respondeu o jovem com um sorriso corajoso.

– O que é impossível? – Perguntou Alfonse chegando.

– Ilry quer ser cavaleiro. – Disse Volk já prevendo o que viria a seguir.

Alfonse o mediu de cima abaixo com maldade.

– Todos saúdem o Sir Fedido de Fedolândia! – Gritou.

– Corre! – Vociferou Ilren.

E perseguiu o irmão adotivo por toda a propriedade. Zenith de Vale, a meio-elfa, chegou carregando um cesto de roupas e os meninos se puseram a correr a redor dela, com Alfonse usando a irmã como cobertura.

– Senhor dos Anjos! Me deixem fora disso! – Ela gritou. – Se os dois idiotas derrubarem essas roupas, vou fazer vocês lamberem!

– Sossega, Zenny. Dá só licença que eu vou esganar ele só um pouquinho.

– Você e mais quem, Sir Fedido? Vai vir montado no seu cavalo, o Cagalhão?

Ainda correram mais uma vez ao redor da menina e depois ao redor da casa, então Alfonse desistiu e Ilren o agarrou.

– Espera, Ilgy, eu tava brincando!

– Eu sei, mas terá que pedir desculpas pros meus súditos da Fedolândia!

Alfonse tentou escapar porque entendeu que Ilren pretendia levar ele para o chiqueiro, mas Ilren, mesmo sendo da mesma idade e altura, era muito mais forte.

– Ilgy, chega! – Disse Zenith chegando. – Essas brincadeiras de vocês sempre vão longe demais.

Os dois irmãos se entreolharam.

– Milady, salve-me! Este cavaleiro malvado quer me levar para o calabouço! – Declamou Alfonse mal interpretando uma expressão suplicante.

Zenith deu de ombros. Não queria brincar.

– Cala-te, piltre! Não encomodes a nobre donzela com vosso choramingo! Hahaha!

A atuação de Ilren foi tão pior que Zenith fez uma careta tentando não rir. A gargalhada maligna especialmente, foi muito imbecil.

– Espere, ó cavaleiro. – Disse a menina no tom mais meigo que conseguia. – Saibas que a virtude pode perdoar até o mais cruel dos crimes. Eu me comprometo a interceder por este jovem. Peço humildemente não o condene.

Alfonse olhou para a irmã adotiva com admiração. Ela havia juntado as mãos na frente do peito de maneira tão convincente e seus olhos eram tão expressivos... Ilren soltou o irmão.

– Está perdoado. – Disse o rapaz loiro. – Sir Fedido de Fedolândia lhe tem misericórdia hoje.

Os três se olharam e gargalharam juntos.

Zenith era da altura de Ilren, um metro e setenta e três. Era loira como Brenda, embora de um tom muito mais claro, com o cabelo até os ombros geralmente preso e tinha olhos azuis límpidos, mas era apenas coincidência a semelhança. As orelhas pontudas a entregavam como meio-elfa. Volk a trouxe para o Vale de Lifa ainda bebê, pouco antes de se casar com Brenda. Disse que a mãe dela havia morrido em Tsinder.

Alfonse havia sido adotado aos nove anos. Era um sulista de pele escura da mesma idade aparente de Ilren, este sendo o único filho concebido pelo casal.

Os três se davam bem, como naquele momento. Alfonse era o mais provocativo e alegre, Ilren o mais impulsivo e Zenith, a conciliadora. Ela também se dedicava a ajudar Brenda nas tarefas de casa enquanto os irmãos ajudavam na lavoura e no trato dos animais.

A casa era muito boa para os padrões do Vale. Tinha três quartos, uma cozinha, e mais dois cômodos. Um para banho, outro que seria uma sala. A entrada tinha uma varanda. Era construída sobre um vão de um metro, o que ajudava a evitar que serpentes e escorpiões entrassem. Antes a casa tinha apenas dois quartos, mas com a filha crescendo, Volk decidiu dar a ela um quarto separado. Os meninos passaram a chamá-la de princesa desde então. Apelido que apenas o pai usava antes.

No começo da tarde daquele dia, foram a Tatjane, a vila no centro do Vale. Não tinha mais do que trezentas pessoas, mas naquele dia, o terceiro e último dia do festival de verão, estava com quase quinhentas, muitas delas concentradas na praça, onde uma grande lona estava montada. Havia jogos, artistas e muita comida e bebida.

Naquele ano o magistrado Ervald tomou a decisão de espalhar melhor a disposição das atrações, para evitar o caos do último ano, no qual algumas pessoas se machucaram devido a aglomeração e à briga generalizada que aconteceu.

Ilren achava aquele o festival mais divertido de sua vida, pois pôde dar um soco no nariz de Maldrisk, que tentou aproveitar a ocasião para tentar apalpar sua irmã. O rapaz apagou tão de repente que nunca teve certeza do que tinha acontecido.

Não fosse Volk ter visto o ocorrido e erguido o nocauteado rapidamente, Maldrisk poderia ter sido pisoteado. Foi uma das poucas vezes que pôs Ilren de castigo. Mas deixava transparecer que gostou um pouco da atitude.

Alfonse estava inscrito no concurso de charadas e Zenith no de canto. Como eram ao mesmo tempo, Volk decidiu deixar Brenda ficar com Alfonse e Ilren enquanto ele assistia a filha cantar.

– Tem certeza disso, pai? – Perguntou Ilren parecendo preocupado.

– Sim, por quê? – Disse o pai, sem entender.

– Nada não. Boa sorte. – Disse o filho com um sorriso irônico, dando uns tapinhas no braço do pai.

Começou o concurso e, pelos deuses da loucura, como Zenith conseguia cantar tão mal? O último lugar era pouco. Volk temeu que fossem expulsá-la do Vale! Realmente começaram a vaiar, mas a menina achou que precisasse mudar o tom. Subir, provavelmente. E se antes estava desafinado, agora parecia algo saído de um conto de terror. Um bebê começou a chorar.

– Acho que já ouvimos o bastante. – Gritou Ervald, subindo num salto no pequeno palco.

Estava ali para ouvir a filha, Reyenne, que também ia participar, mas não aguentava mais.

– É... – O jovem que estava apresentando o concurso subiu no palco também pela escada lateral. – Uma salva de palmas para nossa... corajosa participante!

As pessoas aplaudiram a contragosto. Zenith foi conduzida para fora do palco por uma mulher que tentava nem olhar pra ela pra não rir. Um dos assistentes entregou um frasco de perfume, um prêmio de consolação para Volk.

– Some com ela. – Disse enrugando a testa.

– Ô. Só se for agora. – Disse o camponês sem discutir.

Zenith encontrou com o pai com um sorriso animado. Estava radiante e eufórica.

– Oi, pai! Me ouviu? Eu fui bem? Eu estava tão nervosa! Será que o povo gostou? Pareciam tão emocionados! Por que será que não me deixaram terminar?

– Filha... ano que vem, entra no concurso de comer tortas. Por favor.

Zenith não entendeu, mas gostou do perfume.

Em outra parte da vila, Alfonse e outras crianças respondiam charadas propostas por Artabam, o mago da vila, que mantinha uma longa barba castanho escuro, que aumentava sua idade aparente.

– O que é que você tem hoje, e amanhã terá mais, mas é cada dia mais difícil de guardar. Não ocupa espaço e está sempre guardado no mesmo cofre. Você não pode ver ou ouvir, mas já viu ou ouviu.

As crianças ficaram quietas. Não responder não dava pontos, mas responder errado te eliminava. Você podia ter o tempo que quisesse pra pensar. Na última, Alfonse respondeu rápido. Agora esperava alguém falar pra ser eliminado.

– Vento? – Respondeu uma menina tímida. Ou melhor, perguntou como resposta.

– Não. Melhor sorte na próxima.

– O passado? – Perguntou outro.

– Boa resposta. – Disse Artabam. – Mas está errada. E parem de responder perguntas com outras perguntas.

– A memória. – Respondeu Alfonse. – Nós temos, amanhã vamos ter mais, mas é difícil lembrar de tudo. Ficam na nossa cabeça. E não podemos ver as lembranças, mas já vimos antes.

Ao redor as pessoas murmuravam. O mago balançou a cabeça.

– Está correto. – Brenda, Ilren e mais alguns aplaudiram. O menino sorriu encabulado.

Alfonse ainda estava empatado com outro garoto, que havia respondido rapidamente algumas charadas bem fáceis no início. Era um problema naquele sistema onde as perguntas ficavam progressivamente mais difíceis. Quem ganhava muitos pontos no início tinha vantagem. Estavam empatados com quatro pontos cada e quem chegasse a cinco primeiro ganhava.

Volk chegou segurando Zenith pela mão.

– Olá, pai. – Cumprimentou Ilren falsamente. – A Zenny cantou bem?

– Ô se cantou. – Ironizou o pai. – Você vai ensaiar com ela todos os dias pro festival do ano que vem.

Ilren riu. – É sério. – Disse Volk o fulminando com os olhos.

Enquanto Ilren temia por sua vida e Zenith tentava entender a conversa, Brenda tentava prestar atenção na próxima charada.

– Existem três, e se trocar uma letra do nome, poderiam servir para andar sobre elas. O que são?

– Cabeças. Porque os piolhos andam sobre elas. – Respondeu Melisk, irmão mais novo de Maldrisk.

– Não. Você não tem três cabeças. – Negou o mago. – Até ano que vem.

Agora ficaram apenas Alfonse e o garoto de nariz fino e cabelo de tigela.

O pior é que ninguém ali tinha idéia da resposta para aquele enigma. E o tempo passava.

– Parece que vai demorar. – cochichou Volk para sua esposa. – Por que não pega as crianças e vão comer algo? Eu fico com o Alfie.

Já estava anoitecendo. Os concorrentes já estavam cansados. As pessoas que assistiam também, tanto que muitas já iam embora, outra pediam para andarem logo.

Alfonse pensava e pensava, sem chegar a uma conclusão.

“Três. Tão específico... Caminho, troque uma letra e fica... raminho? Como um ramo de folhas? Não, muito forçado. O que são sempre três? Estrada? Que letra se troca pra forma isso? Chão? Em que se anda sobre? Os pés? Mas são dois pés... Eu estou é com fome! Anda, cabelo de cuia, erra logo pra eu ir embora! Já vai anoitecer e essa charada estúpida não tem solução. A rua está cheia de gente se divertindo e hoje as luas devem estar... Luas? Ruas? Claro...”

– As luas. São três, e se trocar a letra “L” por “R” fica “rua”, por onde podemos andar.

Na verdade era bem fácil quando se parava pra pensar, como toda charada. O menino de cabelo redondo ganhou uma pequena estatueta de ferro no formato de um cavalo como prêmio de segundo lugar. Não houve terceiro colocado porque todos os outros erraram sem acertar nada. O menino pareceu gostar da estatueta.

– Qual o seu nome, jovem do Sul? – Perguntou Artabam para o vencedor.

– Alfonse, meu senhor. Alfonse de Vale. – Disse, com orgulho.

– Alfonse, para você eu tenho isto.

O mago abriu uma arca de madeira reforçada com placas de bronze. De dentro tirou um manto cinza esmaecido com capuz e uma presilha para o pescoço. O mago colocou a simples capa nos ombros do garoto.

O segundo colocado sorriu. Gostou mais de sua estatueta do que daquela capa fajuta. Alfonse analisou seu prêmio. Era confortável, pelo menos. Mas era uma capa realmente simples e com aspecto ruim.

– Não gostou? – Perguntou o mago com os olhos fixos.

– Não... gostei. – Disse Alfonse visivelmente chateado.

– Talvez preferisse outra coisa, ou uma capa de outra cor. Diga-me: qual a sua cor favorita?

O menino pensou. Nunca havia escolhido uma favorita. O verde? O dourado, talvez? Pensou nos olhos da mãe e como brilhavam quando ela sorria.

– Azul, com certeza azul. – Afirmou com convicção.

Houve uma exclamação ao seu redor e vários aplausos. Alfonse não entendeu a princípio, mas então notou que o manto havia mudado de cor para o azul dos olhos que ele havia pensado, tinha pequenas marcas e pigmentos como se fosse mesmo uma bela íris. O cabeça de tigela deixou o sorriso morrer.

– E ele irá mudar para a cor que preferir, sempre que quiser. – Disse o mago. – Parabéns, Alfonse de Vale.

Esqueceu de dizer, mas o manto também era bastante resistente e impermeável, como o seu dono iria descobrir nos tempos vindouros.

Conforme as pessoas saíam e Volk aguardava Alfonse, o menino se aproximou do mago.

– Foi o senhor mesmo que fez essa capa?

– E quem mais faria?

– Desculpa, mas o senhor sabe... corre um boato na região que o senhor não é, realmente, um mago.

Artabam não pareceu incomodado.

– Acho que não tem jeito. Minha magia é mesmo muito modesta e não posso fazer muito com ela. Mais no norte me chamariam de “adepto” no lugar de mago.

– Então por que o senhor se apresenta como mago?